

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Viviane Malheiro Barbosa

**Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos
estudantes**

Porto Alegre
1º semestre
2013

Viviane Malheiro Barbosa

**Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos
estudantes**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha

Porto Alegre
1º semestre
2013

*Para minha mãe Juçara, meu pai
Ademir, minha irmã Alessandra e a
todos que acreditaram que meu
sonho seria possível....*

Agradecimentos:

Agradeço aos meus pais e minha irmã pelo apoio, ao Mestre Patinho, à Mestra Elma e ao Mestre Renato que gentilmente contribuíram com sua sabedoria para que este trabalho pudesse ser a partir de outros olhares.

À minha orientadora Aline, amigas e colegas de curso, aos professores que tanto me ensinaram.

À professora Maria Bernadette Castro Rodrigues, com quem sempre pude contar.

Aos parceiros da roda da vida.

*A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida.
(FREINET, 1991, p. 7)*

Resumo

O estudo trata da dimensão educativa da capoeira angola na perspectiva de contribuir na implementação da lei 10.639/03. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três mestres da arte, denominados Lua, Longevidade e Tambor. Sobre a capoeira angola e seus fundamentos, destacamos Vieira (1998) e Oliveira e Leal (2009) para quem ela é um bem cultural, que diz respeito à ancestralidade de matriz africana. Embora reconhecida como tal pelos estudiosos e na lei, ainda é uma prática social estranha à escola. Segundo os entrevistados, a capoeira angola caracteriza-se por um aprender a aprender contínuo. Esta expressão nos remete ao conceito de inacabamento em Freire (1998) o qual foi fundamental neste trabalho. Também salientam que as possibilidades educativas da capoeira angola no ambiente escolar relacionam-se às suas contribuições para: aprendizagens coletivas, educação comunitária, aprendizagem em roda, musicalidade, criatividade, visando uma formação que integre corpo e mente que desenvolva respeito, solidariedade e autonomia. Tendo em vista os fundamentos teóricos, os depoimentos e a importância política, cultural e histórica da aplicação da lei 10.639/03, considera-se que a capoeira angola tem uma contribuição específica para a formação integral dos sujeitos no contexto escolar.

Palavras-chave: Capoeira Angola. Formação Integral. Lei 10.639/03.

Sumário

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	7
1 QUESTÕES E OBJETIVOS: apresentando a metodologia	10
2 CAPOEIRA ANGOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE BEM CULTURAL E A LEI 10.639/03	16
3 OS SABERES DOS MESTRES E A CAPOEIRA ANGOLA NAS PROPOSTAS CURRICULARES: O CARÁTER EDUCATIVO	25
3.1 Articulação entre capoeira angola e escola.....	28
3.2 Capoeira e currículo escolar, possibilidades e limites da capoeira na escola e descaracterização ou não da prática no ambiente escolar	29
3.3 Educação, capoeira e inacabamento	31
4 ESCOLA, CURRÍCULO E MANDINGA	33
4.1 Ancestralidade: presente e passado vivenciados.....	36
4.2 Roda de capoeira: lugar de tradição e aprendizagem	37
4.3 Nem tudo são flores	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXO.....	45

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente trabalho propõe-se a apresentar questões referentes ao diálogo possível entre capoeira angola e escola e como a lei 10.639/03¹ poderia viabilizar essa interação. Também busca refletir sobre a educação como um todo, considerando-nos como seres inacabados que aprendemos sempre, conforme sugere Paulo Freire (1998).

Pretendo articular tradição afrodescendente e espaço escolar, a partir da visão dos mestres da arte que foram entrevistados, agregando tais conhecimentos ao meu olhar como educadora de capoeira, aluna e estudante de Pedagogia.

Nesse contexto, o que pretendo com esse trabalho de conclusão de curso, é apresentar contribuições que corroborem à importância da prática e o estudo da capoeira angola na escola, como possibilidade emancipatória para crianças, jovens e adultos.

A partir da minha vivência, com dezoito anos de inserção na prática da capoeira angola, procurei destacar a potência pedagógica dessa prática na escola e como ela poderia contribuir para o desenvolvimento do ser humano e ainda, a transformação e aprimoramento de conhecimentos e tantos outros elementos fundamentais para uma educação mais democrática, com um espaço de maior participação dos sujeitos. Considero, portanto, que a capoeira angola tem fundamentos que seriam importantes para a prática pedagógica escolar.

A partir da fala dos mestres busquei saber o que eles pensam sobre a inserção da prática da capoeira angola na escola e como ela pode contribuir para a educação dos sujeitos. Também, pensando em sua inserção na escola, questionei que efeitos seriam produzidos na arte como um todo, já que alguns pressupostos da capoeira como a mandinga e a malandragem, ainda hoje são vistos de forma pejorativa.

Também, prosseguindo com as análises, apresentei elementos para pensar a questão da ancestralidade presente na tradição da capoeira angola. A

¹ Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

Roda de Capoeira como lugar de tradição e aprendizagem e sua importância para os processos de humanização. Por fim, proponho algumas críticas, já que o objetivo não foi de “romantizar” a prática da capoeira. Sendo assim, busquei enfatizar elementos que acredito ser pertinentes, a fim de delinear este trabalho.

A capoeira angola, como aqui apresentada, pode oferecer uma gama de possibilidades aos sujeitos que a praticam, por meio da musicalidade e da vivência de uma ancestralidade de matriz africana, reinventada no contexto brasileiro. Neste sentido, pode-se dizer que se insere entre as práticas que possibilitam vivências transformadoras. Partindo da minha experiência no ensino da capoeira angola, percebi que alguns estudantes que apresentavam dificuldades na escola, ao praticarem a capoeira, demonstravam um potencial fantástico para disponibilidade corporal, através das músicas, dos movimentos sincronizados, incluindo o entendimento mais aguçado de ser solidário ao ajudar nas tarefas e no respeito aos mais velhos, por exemplo. Isso aumentava a autoestima e a confiança desses estudantes, proporcionando ainda um ambiente de socialização.

Penso que vivemos uma espécie de “prisão” dos corpos aos padrões estéticos, voltados para uma cultura de embranquecimento e ainda, somos sujeitados à falta de conhecimento das ricas culturas do nosso país. A capoeira vem como um contraponto ao possibilitar um autoconhecimento, um conhecer-se a si, valorizando o ser. Quando aprendemos a conhecer aquilo que somos, nos tornamos mais livres (BARBOSA et al., 2013).

Nesta perspectiva, a capoeira angola adentra o ambiente escolar como uma possibilidade de transmitir aos alunos aquilo que é aprendido nesta arte de forma prática, vivenciando um conteúdo que já está na lei 10.639/03, mas ainda não faz parte do cotidiano das escolas.

Atuei como educadora de capoeira angola em espaços educacionais e pude observar que alguns estudantes ao ouvirem as músicas cantadas na roda de capoeira, ficavam muito surpresos e orgulhosos por identificarem tais músicas com as práticas religiosas e culturais dos familiares. Para eles a descoberta de um espaço educacional que acolha essas manifestações se torna uma etapa de afirmação e identificação cultural.

A apropriação da cultura através da capoeira angola acontece por meio dos cânticos, dos fundamentos e histórias transmitidos oralmente, dos movimentos corporais típicos da capoeira, da execução de instrumentos musicais de percussão, dos diferentes ritmos e do ritual da roda que possibilita o contato direto dos alunos com a vivência e preservação de uma arte ancestral criada pela ânsia de liberdade surgida no Brasil, por meio das lutas de trabalhadores negros escravizados.

Entende-se que a proposta de diálogo entre escola e capoeira angola, não é para formação de capoeiristas, mas para desenvolvimento de potenciais, indo muito além da prática esportiva. Trata-se da problematização de uma cultura negra de resistência que nos currículos escolares não existe, vivenciando uma ancestralidade africana para que os praticantes conheçam e valorizem sua história e levem esse conhecimento para sua vida.

A capoeira inserida nos currículos da escola é uma grande oportunidade de transformar o contexto escolar em benefício dos alunos e da comunidade. Esta arte traz consigo uma memória que ainda não tem voz e vez nos livros didáticos ou na sala de aula. Aliás, capoeira não se ensina unicamente através dos livros, contudo, dada sua história e relevância, já poderia ocupar um espaço que lhe é de direito nesses locais de aprendizagem. Em 2008, a capoeira tornou-se patrimônio cultural. Onde ela aparece na escola? Compreendo, portanto, que a escola tem negligenciado esse bem cultural.

Com a capoeira angola é possível apresentar aos alunos características do povo brasileiro, enfatizando aos educandos que, no Brasil, não há uma única etnia e sim, uma pluralidade étnica, que faz do povo brasileiro uma reunião de tantas outras culturas e, por isso, nossa herança genética carrega muitas cores e dialetos. (BARBOSA et al., 2013, p.35)

1 QUESTÕES E OBJETIVOS: apresentando a metodologia

A temática central deste trabalho de conclusão de curso trata da capoeira angola e suas possibilidades no ambiente escolar. O estudo apresenta a dimensão educativa da capoeira angola com o intuito de contribuir na implementação da lei 10.639/03.

A questão que motivou esta pesquisa foi: *Tendo em vista o potencial e as contribuições da capoeira angola para a compreensão do conceito de inacabamento, quais as suas possibilidades para o ambiente escolar segundo os mestres da arte e a lei 10.639/03?*

A partir dessa questão, surgiram outras que seguem:

- ∞ *Quais contribuições da capoeira para discussão do currículo na escola e práticas escolares?*
- ∞ *Quais as possibilidades e limites da capoeira angola realizada no espaço escolar na perspectiva do “inacabamento” proposto por Freire?*

A partir da minha vivência na capoeira e do conhecimento adquirido durante dezoito anos de trajetória em contato com essa arte, agregados aos saberes oriundos do curso de Pedagogia, foi possível perceber o seu potencial e contribuições para a prática escolar. A compreensão de que vamos, ao longo da vida construindo e aprendendo, fazendo interlocuções, diálogos, faz com que, segundo Paulo Freire, possamos compreender que ser gente é ser inacabado. Neste sentido, cabe ressaltar que um dos princípios da capoeira é que ela tem começo, mas não tem fim – premissa que podemos relacionar com o conceito de inacabamento.

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo geral, **discutir as contribuições e quais as possibilidades da capoeira angola no ambiente escolar segundo os mestres da arte e a lei 10.639/03.**

Decorrentes desse objetivo geral propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- ∞ *Apresentar elementos para compreensão do caráter educativo da capoeira angola;*
- ∞ *Problematizar a capoeira angola como possibilidade para discussão do currículo escolar e para as práticas escolares;*
- ∞ *Discutir os fundamentos e elementos da capoeira angola para que seja possível aprofundar o conhecimento desta prática;*
- ∞ *Contribuir para valorização do potencial da capoeira angola, como prática cultural para a educação ao longo da vida, partindo do conceito de inacabamento.*

Este trabalho de conclusão de curso motivou-se por meio do meu estudo e experiência na capoeira e também pela crença de que a capoeira angola, como um bem cultural, é rica em elementos que podem contribuir e agregar-se à escola.

Neste trabalho, busco congrega o saber adquirido no universo da capoeira, ao conhecimento do curso da Pedagogia e para tanto, realizei uma pesquisa qualitativa sobre a contribuição da capoeira e suas possibilidades na escola, buscando conhecer o que os mestres desta arte tinham a opinar e contribuir sobre o assunto através de entrevistas individuais semiestruturadas.

Bauer e Gaskell (2008, p. 68) afirmam que: “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” e esta foi minha intenção ao realizar as entrevistas com os mestres.

Os sujeitos escolhidos para as entrevistas foram dois mestres e uma mestra da arte da capoeira angola. Fiz a escolha desses entrevistados baseada no meu convívio com eles, por respeitá-los, admirá-los, conhecer suas trajetórias e sabedoria na arte. Dois dos entrevistados foram meus mestres: a Mestra Lua foi com quem eu me iniciei na arte e o Mestre Longevidade foi mestre da minha mestra. Optei por chamá-la de Mestra Lua pela relação que pude estabelecer com as letras do seu nome e ao mestre, chamei-o de Longevidade porque, além de representar uma linhagem (já que foi o mestre de minha mestra), abordou várias vezes este tema durante a entrevista. Os dois têm grande influência naquilo que eu tenho como referência no meu modo de ser na capoeira.

O terceiro entrevistado, denominado aqui Mestre Tambor – o conheci durante minha trajetória na capoeira em Porto Alegre. Particpei de uma oficina ministrada por ele e outros eventos, como rodas promovidas em espaços comuns aos capoeiristas. Este Mestre também realiza trabalho com adolescentes e crianças confeccionando tambores artesanalmente, por isso a escolha do nome.

Escolhi realizar entrevistas individuais, semiestruturadas. Busquei seguir um roteiro com quatro perguntas, como um guia aberto às possíveis questões que surgissem a partir das respostas. Conforme Lüdke e André: “a entrevista semi-estruturada, se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. (LÜDKE e ANDRÉ 1986, p.34).

Fiz o uso de entrevistas porque como referem Lüdke e André “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34)

Na primeira entrevista, com o Mestre Longevidade, utilizamos o *skype*², pois reside em outro estado. Com a devida autorização, gravei nossa conversa, para depois transcrevê-la. Durante a entrevista surgiram mais três perguntas que complementaram um pouco mais o foco para as outras entrevistas que seriam feitas.

A segunda entrevista foi realizada em um encontro com o mestre Tambor, pois ele reside em Porto Alegre. Primeiramente, eu expliquei a ele sobre as finalidades da pesquisa e isto, de alguma forma, já foi enriquecendo a conversa que tivemos posteriormente.

A entrevista com a mestra Lua foi um pouco diferente, infelizmente não foi gravada, mas por e-mail. Combinamos que, se houvesse alguma dúvida, nos comunicaríamos e assim fomos fazendo.

Optei por realizar conversas por ser mais espontâneo e permeado de sentimentos que aparecem no som da voz do entrevistado. As perguntas podem ter respostas mais profundas para a análise posterior, a partir deste

² Skype é um software que possibilita comunicações de voz e vídeo via internet.

entendimento. Realizei conversas que contribuíram significativamente para o trabalho de pesquisa, as quais serão analisadas e problematizadas em capítulos posteriores.

As perguntas elaboradas para as entrevistas com os mestres foram:

- 1) O que você reconhece como educativo na capoeira angola?
- 2) Que fundamentos/elementos da capoeira angola poderiam ser importantes para a educação como um todo?
- 3) Sugestões para uma articulação entre capoeira angola e escola. Há possibilidades?
- 4) Se a capoeira entrasse na escola, fizesse parte do currículo, por exemplo, capoeira como uma disciplina, como isso seria possível?
- 5) Quais possibilidades e limites da capoeira angola realizada no espaço escolar?
- 6) Se a capoeira fosse inserida de fato na escola ela seria descaracterizada?
- 7) O que você acha da contribuição da capoeira como uma educação pra vida, o que pensa sobre isso?

Minha intenção foi saber o que os mestres pensavam sobre a capoeira angola na escola e como ela poderia contribuir para a educação dos sujeitos como um todo, discutindo brevemente sobre como poderia acontecer essa interação. Considerar as percepções dos mestres neste estudo se apresenta como fundamental, já que são eles que possuem maior experiência e saberes sobre a capoeira; ainda, a isto se atrelam minha experiência com a capoeira angola e os estudos no Curso de Pedagogia.

Senti-me muito acolhida pelos mestres. Colocaram-se à disposição para que eu pudesse fazer as entrevistas e coletar as informações.

Algo importante a destacar é que o Mestre Longevidade, primeiro entrevistado, me agradeceu e suas palavras me comoveram profundamente. Ouvir de um mestre, que tanto admiro e respeito, que era ele quem agradecia

minha dedicação e contribuição para a capoeira e para a educação foi arrebatador e emocionante.

Para realização deste trabalho, com o objetivo de reconhecer o que vem sendo produzido sobre esta temática nos últimos dois anos (2010 a 2012), realizei uma busca através do LUME³, conforme consta na Tabela 01. Ao observar a tabela, é possível verificar que apenas um (01) trabalho está vinculado ao Curso de Pedagogia.

Título	Autor	Temática	Área de conhecimento	Ano	Tipo
Mandinga, malícia e manha por uma cosmopolítica angoleira	Marco Antonio Saretta Poglia	Antropologia Social Capoeira Angola Cultura afro-brasileira	Ciências Sociais	2010	Trabalho de conclusão de graduação
Uma pedagogia em movimento: contribuições da capoeira na construção da autonomia	Simone Ribeiro	Autonomia, desenvolvimento cognitivo e Inovação educacional	Pedagogia	2010	Trabalho de conclusão de graduação
A prática da capoeira nas escolas especiais da rede municipal de ensino de Porto Alegre, Rio Grande do Sul	Adélia Kervalt Costa	Capoeira e esporte	Educação Física	2010	Trabalho de conclusão de graduação
Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França	Heloísa Corrêa Gravina	Antropologia social Brasil Capoeira Corpo e consciência Corporeidade Cultura afro-brasileira Dança Etnografia França Identidade social Performance	Antropologia	2010	Tese
Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho	Edson Alberto Teixeira Dornelles	Capoeira, História oral e memória	Educação Física	2011	Trabalho de conclusão de graduação
A capoeira, uma arte representativa da cultura brasileira	Silvio Pereira Batista	Capoeira, música afro-brasileira, dança afro-brasileira	Letras	2012	Trabalho de conclusão de graduação

Tabela 1 - Trabalhos produzidos entre 2010 e 2012 cadastrados no LUME-UFRGS

³ Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os trabalhos pesquisados possuem assuntos bastante pertinentes à valorização da capoeira, através dos diferentes olhares. Contudo, é importante mencionar que ainda necessitamos de pesquisas sobre a capoeira angola como aporte para o cumprimento da lei 10.639/03 no ambiente escolar.

Isto pode indicar a pouca associação da capoeira com as abordagens educacionais. Esse levantamento realizado, para mim, foi mais uma justificativa para a realização desse estudo. Pretendi constituir argumentos sobre as colaborações possíveis da capoeira na formação integral dos sujeitos que se escolarizam, vinculando este conhecimento escolar ao da arte da capoeira, para além de uma perspectiva esportivista.

2 CAPOEIRA ANGOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE BEM CULTURAL E A LEI 10.639/03

A capoeira “*é defesa e ataque é ginga no corpo é malandragem...*” como diz uma música⁴ cantada nas rodas de capoeira. As metodologias mais conhecidas, nos grupos, consideram que primeiramente, é importante aprender a base da ginga, depois os movimentos de defesa, em seguida a resposta: o ‘ataque’. Neste processo de aprendizagens, a ginga vai se construindo à medida que o jogador vai conhecendo seu corpo, descobrindo a sua dança num jogo de perguntas e respostas. Na capoeira angola cada jogador tem seu jeito próprio de demonstrá-la. A malandragem vem acompanhada de um movimento que o jogador vai absorvendo conforme sua necessidade. Não depende somente da habilidade corporal, mas do entendimento aprofundando dos fundamentos e rituais da capoeira. É uma forma de brincar com o outro, é um “faz que vai e não vai”, é dosar bem a coragem, tornar o jogo lúdico.

Mestre Toni Vargas poeta, jogador e tocador da capoeira, conta o que é a arte em forma de ladainha:

*“A capoeira é um jogo, é um brinquedo,
É se respeitar o medo,
É dosar bem a coragem
É uma luta,
É manha de mandingueiro, [...]
É um berimbau bem tocado,
É um corpo arrepiado,
Um sorriso de menininho,
É voo de um passarinho
O bote da cobra coral...
Sentir na boca
Todo gosto do perigo,
É sorrir para um inimigo e apertar a sua mão [...].”*

⁴ *É defesa e ataque*. Autoria: Mestre Matias. Fonte: <http://www.vagalume.com.br/mestre-matias/e-defesa-ataque.html>. Acesso em: 10 abril 2013.

Este texto sugere que ser malandro e mandingueiro, é lidar com a opressão sem ser oprimido ou se deixar oprimir, ser aquilo que se é, sem ser manipulado, driblar situações de opressão com graça, coragem e malícia.

Esta arte ancestral é um jogo coletivo que envolve o diálogo corporal e o equilíbrio mental é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. O praticante precisa estar atento e presente a todo instante, seja para tocar um instrumento, seja para cantar ou ainda para desenvolver o jogo na roda da capoeira. (BARBOSA et al., 2013, p.36)

A capoeira ensina as pessoas a estarem atentas, de prontidão, preparadas para as dificuldades do cotidiano. O jogador precisa procurar ter um jogo estratégico buscando a liberdade do corpo e da expressão através da brincadeira. O ritual, a tradição, os valores e os fundamentos da capoeira nos remetem, ao contrário do que pode propor o senso comum, a uma ética de não-violência, pois ao praticá-la aprendemos a respeitar o oponente partindo desse princípio. Conforme o Mestre João Pequeno da Bahia:

O capoeirista pra bater no seu adversário, ele não precisa encostar o pé, ele deve ter o seu corpo freado, manejado, pra ele levar o pé, viu que o adversário não se defendeu, antes do pé encostar ele freia o pé, porque quem tá de parte vê, ele não bateu porque não quis⁵.

Além disso, essa arte contribui para o autocontrole e assim esse “processo de ritualização ajuda a canalizar de modo positivo a agressividade, redimensionando-a a serviço da vida.” (OLIVEIRA, 2006 p.21).

É inegável que a capoeira também é uma prática esportiva, porém a intenção neste trabalho é direcionar o olhar para além do esporte, a fim de produzir novos sentidos para a realidade do sujeito, gerando assim um campo frutífero de novos saberes, embora o direcionamento dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada mestre ou grupo. O corpo é visto como um lugar sagrado que precisa ser protegido, portanto sugere vê-lo de outra maneira, expressar seus sentimentos, estabelecer um diálogo com o mundo e expressar aquilo que se quer dizer, vai depender da hora e do momento.

Através da vivência que tive com a capoeira angola percebi que existe algo que não pode deixar de ser mencionado neste trabalho, além do que já foi

⁵ Trecho retirado do Documentário: “Pastinha, Uma vida pela capoeira” de Antônio Carlos Muricy (1998).

descrito, que denomino como “espírito da capoeira”: ela é viva, para os que a praticam. Por mais que o capoeirista tenha domínio da arte e experiência, se ele for para o “pé do berimbau” sem respeitar seu oponente, poderá haver consequências; se o seu ego for maior que tudo que está pulsando na roda, com certeza a capoeira irá lhe ensinar uma lição. Neste contexto, a ideia de humildade, não significa submissão, mas sim amorosidade e respeito pelo outro. O jogo deve se desenvolver ‘com’ o outro e não ‘contra’ ele. Outro ritual que permeia este pensamento é o pedido de proteção ao ingressar na roda. Estamos sempre aprendendo com ela. Por isso enfatizo a ideia de ir além de uma prática esportiva.

A capoeira tem “verdades”, ao mesmo tempo em que é um jogo de “enganação”. Para ser praticada, antigamente precisava estar camuflada por meio da dança, da picardia, da molecagem e da brincadeira. Não poderia ser uma luta declarada para aqueles que a praticavam sob o olhar da polícia, por exemplo.

A capoeira surge como uma prática que foi gerada por africanos escravizados em solo brasileiro. Da forma como conhecemos, não existia em continente africano, mas algumas manifestações semelhantes era possível reconhecer, por exemplo, a Ladjá⁶ da Martinica ou o N’golo⁷ do sul da África. No Brasil, a capoeira desenvolveu-se nos centros urbanos, principalmente em cidades portuárias.

Sobre a origem desta arte, o Dossiê⁸ do IPHAN (2007) aponta que:

A dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos pode ser explicada devido a sua diversidade. Manifestações intimamente ligadas às culturas locais ganharam contornos específicos de acordo com os contextos em que se desenvolveu. A capoeira, dessa forma, é reconhecida como fenômeno cultural urbano, cuja história permeia o passado e o presente. (IPHAN, 2007, p. 12)

⁶ Ladjá é um tipo de luta dança, de origem negra, praticada na Martinica.

⁷ O N’golo é dançado por rapazes no sul de Angola, durante o ritual da puberdade das meninas. Coices e golpes que lembram os movimentos da capoeira.

⁸ Neste trabalho, para fins de referência, utilizei o Dossiê do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), trata-se de um Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. É um relatório técnico elaborado em 2007, para a instrução do processo de registro da capoeira como patrimônio cultural brasileiro. Este dossiê foi elaborado por uma equipe técnica composta por profissionais de diferentes áreas, dentre eles alguns capoeiristas.

O registro mais antigo referente à capoeira é um documento datado de 1789 e refere-se à libertação de um escravo chamado Adão, preso nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da capoeiragem. Antes mesmo de ser criminalizada no ano de 1890, a capoeira já sofria repressão. (IPHAN, 2007) Pelos estudos realizados, registrados no Dossiê do IPHAN (2007) e nos escritos de Vieira (1998), foi observado que as principais fontes dos historiadores e estudiosos da capoeira estão relacionadas aos registros nos arquivos policiais, devido à marginalização e a criminalização sofridas por aqueles que a praticavam. Contudo,

Antes da proclamação da República, em 1889, os escravos capoeiras ganharam prestígio devido a sua participação na Guerra do Paraguai, que ocorreu em 1864 e 1870. Também ficaram famosos por sua atuação durante as eleições, quando pressionavam eleitores para votarem nos candidatos dos partidos que defendiam, fossem conservadores ou liberais. Além disso, criaram uma milícia conhecida como Guarda Negra, que era a favor da Monarquia e atacava republicanos, “fundaram o Partido Capoeira e, antes de serem definitivamente perseguidos, dividiram a cidade em territórios de duas grandes maltas: Nagoas e Guaiamuns”. (IPHAN, 2007, p. 15-16)

Com o fim da escravidão, a capoeira é inserida no Código Penal em 1890. A partir daí, os praticantes são reprimidos com extrema violência. Os capoeiras, mesmo sendo considerados criminosos, conforme o Dossiê do IPHAN (2007, p.17-18), “tiveram uma recuperação social promovida pela ‘vertente nacionalista da *belle époque*’, que buscava defender a capoeira como ginástica brasileira”. Penso que a partir daí, inicia-se um tímido processo de reconhecimento desta arte como cultura de um povo, mas voltada para uma prática esportiva. Apesar disso, a imagem do capoeirista ainda sofria com o estigma de seus praticantes tidos como vadios e vagabundos.

No documento do IPHAN (2007), há uma menção a este assunto lembrando que

Os estudos revelam que os capoeiras não eram um bando de vadios e vagabundos, como escreviam os jornais da época, sendo grande parte deles trabalhadores. Contudo, assim como a maioria da população soteropolitana, os capoeiras eram trabalhadores de rua, viviam de ocupações esporádicas intermitentes. Ou seja, tinham um ritmo de trabalho bastante irregular, o que lhes proporcionava períodos de ociosidade, entremeados por momentos de diversão. Mesmo sendo trabalhadores, os capoeiras também podiam ser desordeiros, uma vez que muitos deles simplesmente viviam no

mundo das ruas, batiam tambor, jogavam capoeira e algumas vezes até matavam. Em síntese. Transgrediam os padrões e as regras da ordem pública. (IPHAN, 2007, p. 23-24)

É importante mencionar que as formas como a capoeira era desenvolvida não envolviam somente crimes (brigas e ataques) como relatavam as notícias dos jornais. Elas apareciam também como forma de lazer, brincadeira de rua praticada nos largos, nas praças e festas, um divertimento popular. Acredita-se que foi assim, que ela foi conquistando espaço na sociedade soteropolitana (IPHAN, 2007).

Em 1937 inicia-se o processo de descriminalização da capoeira. Neste ano, que Mestre Bimba recebe autorização para o funcionamento de uma escola de capoeira regional. Este Mestre fez uma adaptação da capoeira, inserindo golpes de outras lutas, fazendo desta arte uma luta de combate direto. Com certeza essa transformação da capoeira, de maneira geral, modificaria o modo de se relacionar com a sociedade e os valores exigidos para a época, como menciona Vieira (1998)

O surgimento da proposta da Capoeira regional, com seu conteúdo ascético e disciplinador, integra-se ao amplo processo pelo qual tem passado a sociedade brasileira, no sentido de instituir novos e duráveis padrões de comportamento ao longo de sua modernização cultural. (VIEIRA, 1998, p.36)

De certa forma, podemos sugerir que este processo resultou em um embranquecimento da capoeira, a fim de legitimá-la perante a sociedade da época. Com esta mudança, inclusive foram modificados alguns rituais.

Em contrapartida Mestre Pastinha, entre outros, buscavam preservar as antigas tradições, rituais e valores da capoeira angola afirmando sua ancestralidade africana e dando visibilidade a esta prática. Mestre Pastinha tornou-se assim, um dos principais representantes de uma luta pela preservação dos rituais da capoeira de angola deixando um legado que mantém viva a tradição desta arte até os dias atuais.

A capoeira angola diferencia-se da regional em vários aspectos. É possível notar a diferença pelos movimentos e golpes, pela musicalidade e pelo ritual, mas principalmente pelos objetivos que cada uma delas se propõe a

cumprir. A capoeira angola procura preservar valores culturais e históricos, voltados para uma tradição ancestral identificada com a cosmovisão africana.

Atualmente, na maioria das vezes, a capoeira tem ocupado espaços escolares apenas como atividade extraclasse, seja nas oficinas realizadas pelo projeto Escola Aberta⁹ ou em datas comemorativas como a Semana da Consciência Negra¹⁰, sob a forma de apresentações pontuais. Ainda é possível, portanto, vermos a folclorização desta arte, o que a restringe às festividades. A instituição escolar demonstra não ter rompido com essa visão, talvez porque os valores histórico, social e político contidos na capoeira angola, ainda sejam negligenciados, sem compreender esta arte como possível recurso pedagógico para a vivência de uma ancestralidade africana, própria do contexto brasileiro. A capoeira, assim como outros elementos da história e da presença negra no Brasil, foi invisibilizada em favor de uma cultura eurocêntrica.

Foi-nos apresentada uma história única que beneficiava o colonizador, que explorou a força do povo negro, estigmatizou sua imagem e ainda negou-lhe o protagonismo na história do nosso país. Isso é demonstrado claramente nos livros didáticos, com a história do negro contada do ponto de vista da escravidão, ocultando a força de um povo que lutou e que é possuidor de uma cultura que compõe as raízes do povo brasileiro. Ricardo Oriá enfatiza que

Os livros didáticos, sobretudo os de História, ainda estão permeados por uma concepção positivista da Historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, escamoteando, assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do País. Na maioria deles, despreza-se a participação das minorias étnicas, especialmente índios e negros. Quando aparecem nos didáticos, seja através de textos ou de ilustrações, índios e negros são tratados de forma pejorativa, preconceituosa ou estereotipada. (ORÍÁ, 2004, p. 99)

⁹ O Programa Escola Aberta apoia a abertura, nos finais de semana, de escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social. Viabiliza a aproximação entre escola e comunidade com atividades educativas, culturais, esportivas, de formação inicial para o trabalho aos estudantes e à população do entorno.

¹⁰ O Dia Nacional da Consciência Negra é celebrado em 20 de novembro no Brasil e é dedicado à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. A semana dentro da qual está esse dia recebe o nome de Semana da Consciência Negra.

O diálogo entre capoeira angola e escola vai ao encontro daquilo que está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e presente na Lei 10.639/03. A tão falada autonomia, o conhecimento da história resgatando uma memória coletiva e o reconhecimento dos valores das tradições culturais de nosso país, pode ser vivenciado e contemplado através de um pensar mais profundo da capoeira na escola, para além do folclore e do espetáculo.

A capoeira por ser um bem cultural, pode contribuir para que os sujeitos compreendam a cultura de resistência na história do povo negro, atuando em favor de uma memória coletiva desta luta social. Pode contribuir, também, para a compreensão de valores ligados à ética, solidariedade, coletividade, humildade, sagacidade e autonomia.

A capoeira é uma valiosa expressão da cultura afro-brasileira, tanto no Brasil como no exterior. Seu registro como Patrimônio Cultural do Brasil através do IPHAN, data de 15 de julho de 2008 sob duas formas: A roda de capoeira no livro das formas de expressão e o ofício de mestre de capoeira no livro dos saberes. Porém, pouco espaço foi reservado na mídia para uma discussão aprofundada a respeito deste tema. Como menciona Leal e Oliveira, “sequer foi possível conhecer, salvo de modo panorâmico, o percurso de luta que seus praticantes vivenciaram para atingir o tão aclamado reconhecimento da arte-luta como patrimônio cultural brasileiro” (2009, p. 44).

Ao mesmo tempo em que é reconhecida como patrimônio, existe um paradoxo, que se refere à história dos capoeiras, como mencionado anteriormente. Estes, sempre foram tidos como marginais e vagabundos. Cabe ressaltar, que mesmo com esse estigma, foi possível obter reconhecimento, tornando-se um símbolo da cultura brasileira, dada a resistência que as comunidades negras puderam empreender.

A criminalização da capoeira, no passado, fazia parte de um conjunto de ações de desvalorização da cultura negra, pretendendo manter sua subalternidade, mas a capoeira foi uma forma que os escravizados encontraram de libertação do sistema opressor. Por isso, ainda hoje, precisa ser ocultada da história ou compreendida de forma restrita. Ela pode ser

importante subsídio de libertação, não só do corpo, mas também de outras dimensões da existência.

Há saberes associados a este bem cultural que não estão apenas vinculados à agilidade, mas a algo que é mais profundamente vinculado à constituição do ser humano, da vivência em grupo e da história de um povo. Isso agrega diversas aprendizagens e trocas de saberes entre educandos e educadores de diferentes gerações.

Reconheço que a História do Brasil precisa ser contada de forma diferente, a fim de que se conheça outra versão dos fatos, dando valor e reconhecimento às contribuições de homens e mulheres, negros e negras.

A Lei 10.639/03 busca garantir que outra história seja contada. Sendo assim, é fundamental que seja realmente incluída a história dos africanos e afro-brasileiros, nos currículos, pois como afirma Ricardo Oriá (2004)

Somente o conhecimento da História da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o resgate da autoestima de milhares de crianças e jovens que se veem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação. (ORÍÁ, 2004, p. 101)

Porém, pelo que pude observar durante minha trajetória de estágio docente e outras inserções em escolas, é notável a falta da abordagem de conteúdos relacionados ao tema, nos currículos escolares. Reconhecida a necessidade de que a escola passe por reestruturação curricular, compreendo que, conhecer mais profundamente a capoeira angola como bem cultural, pode contribuir nesse processo.

O fomento do racismo é evidente através da história não contada, da invisibilidade das histórias nos livros didáticos, na história única e eurocêntrica, do esquecimento relacionado à trajetória e contribuição do povo negro. A temática que ainda está ausente nas discussões, nos currículos e na sociedade brasileira, surge, em vários casos, de forma limitada e tendenciosa. Os livros didáticos apresentam os heróis negros como figuras exóticas, distantes de qualquer realidade conhecida (a exemplo de Zumbi e Ganga Zumba), ou seja, folclórica.

Os livros didáticos aos quais tive acesso através das pesquisas realizadas para os estudos do PIBID/UFRGS¹¹, sequer mencionam o contingente de pessoas e da importância social e econômica de Palmares para a história brasileira. O que é priorizado nos currículos são os heróis brancos, a versão eurocêntrica da História, deixando invisibilizadas as camadas populares que constituem esta Nação.

Desejei problematizar neste trabalho as vivências, contribuições e acontecimentos, de uma parcela extremamente significativa da sociedade brasileira (os negros) que, se vista sobre outro viés, pode colaborar com a valorização e respeito no que se refere à participação do negro na história, tornando possível conhecer outras versões da mesma e contribuir para uma educação antirracista.

¹¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/UFRGS.

3 OS SABERES DOS MESTRES E A CAPOEIRA ANGOLA NAS PROPOSTAS CURRICULARES: O CARÁTER EDUCATIVO

Para tratar do **caráter educativo da capoeira angola**, Mestre Longevidade evidencia na sua fala

Eu reconheço na capoeira angola como educativo a partir do que antecede pra que a roda aconteça, [...] o que antecede a roda exige que nós tenhamos uma enorme gama de saberes bem inseridos. [...] Isso é a história, a geografia, a matemática e a fisiologia que estão contidas nela. Além da musicalidade, a teatralidade, o instrumental, o cântico. [...] Pra mim a primeira palavra experiência comigo na capoeiragem não só ver a questão educativa, terapêutica, e sim curativa. Então a partir da minha trajetória eu me curei e continuo me curando e hoje eu defendo a capoeira pra me manter aprendendo a aprender sempre”. (LONGEVIDADE, trecho da entrevista realizada em maio 2013).

Devido ao conhecimento adquirido durante minha vivência na capoeira angola, é possível perceber que quando o mestre Longevidade fala sobre uma “gama de saberes” ele está se referindo a todo um aprendizado necessário ao capoeirista, o qual necessita tempo e conhecimentos pertinentes para o desenvolvimento e participação na roda de capoeira, entendendo seu sentido. Também enfatiza que a capoeira é uma prática curativa, que possibilita aprender a aprender, isso como base fundamental.

O círculo de cultura enquanto prática metodológica e política é um espaço de aprender a aprender porque é um espaço de diálogo. Eu aprendo com o outro e pergunto, respondo e problematizo.

Mestre Longevidade também aponta que

A minha preocupação começa porque ela está deixando de ser um jogo por conta de um item só de fundamento chamado finalização que não é bonito, é feio porque lesa, humilha e pode até matar. [...] É necessário que a gente estude muito e venha repetir muito as coisas e tudo que a gente repete muito dentro da capoeira é o que a gente precisa lapidar. A capoeira é um jogo porque é necessário que a gente tenha enorme gama de saberes que temos armazenados dentro de nós ao que pra hora à nossa mercê. (LONGEVIDADE, trecho da entrevista realizada em maio 2013).

Em sua fala, mestre Longevidade reafirma que a capoeira é também um jogo. Ainda, ele evidencia que dependendo do que se quer com a capoeira, no caso utilizando um único fundamento a “finalização” pode provocar efeitos de ordem contrária aos fundamentos da sua ética, que tem como princípio a não violência.

Destaco também, o fato do Mestre Longevidade ter mencionado, como princípio pedagógico, a repetição necessária na prática da arte, mas vista como prática escolar tradicional e desconectada. No caso da capoeira angola, aponta para outra questão: o aprendente deve “*repetir muito as coisas*” porque existe sentido e para aprimorá-las. Sendo assim, precisa ter seu corpo manejado, treinado, freado, pois há um cuidado com o outro e respeito. Alguns movimentos, para atingirem certo nível de destreza, necessitam que o capoeirista repita, memorize, não somente pela repetição, mas para aprimorar os movimentos estudados, envoltos em um ritual e no motivo para cada situação.

Na fala do mestre Tambor ele enfatiza que o educativo na capoeira angola se desenvolve como uma educação comunitária e familiar. Onde a comunidade divide-se na tarefa de orientar os aprendizes: “*Onde a outra pessoa era responsável, aquela comunidade, de alguma forma, todo mundo se cuidava*”. (TAMBOR, trecho da entrevista realizada em maio 2013) O que nos remete ao aprendizado dos círculos de cultura, onde aprendemos e cuidamos uns dos outros.

Mestra Lua traz em sua fala, a transmissão do conhecimento através da oralidade, ensinando cada aluno respeitando sua diferença e ritmo. A oralidade como forma de ensinar é característica da pedagogia africana. Outro ponto importante da fala da mestra Lua é contar aos educandos uma nova versão da História, trazendo uma nova ótica a fim de fortalecer a “*autoestima e a identidade cultural do indivíduo que pratica a capoeira angola*”. (LUA, trecho do questionário realizado por e-mail em maio 2013).

Os três mestres destacam em suas falas características do círculo de cultura. A partilha de conhecimentos do individual para o coletivo, do envolvimento da comunidade, da afirmação cultural e do respeito às diferenças vividas no grupo.

De acordo com Brandão

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a 'dizer a sua palavra'. (BRANDÃO, 2010, p. 69. In.: STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2010)

Na segunda questão abordada com os Mestres, voltada para capoeira angola e seu teor educativo, os entrevistados fazem menção indiretamente aos Círculos de Cultura. Isso fica evidenciado na fala do mestre Longevidade quando retoma o aprender a aprender e os rituais da capoeira (que se dão em roda). Longevidade, além do círculo de cultura, aborda também a questão da criatividade, quando trata do improviso, da roda como um espaço de criação e do aprender a aprender.

Mestre Tambor destaca que as aprendizagens vivenciadas na capoeira angola baseiam-se em uma busca de valores necessários para a formação individual do ser humano e a sua importância para as relações em grupo, característica dos Círculos de Cultura.

De acordo com mestre Tambor, *“a gente aprende dentro da capoeira, dentro dessas coisas da tradição e busca ser humano, que é outra coisa: o respeito, a ética, os valores que é necessário para uma relação em grupo”*. (TAMBOR, trecho da entrevista realizada em maio 2013).

Mestra Lua, ao mesmo tempo, traz a questão dos valores necessários para o exercício do praticante, também voltados para ideia do aprendizado em grupo como fica evidenciado em sua fala

A coletividade onde se pratica a (con) vivência em grupo o fazer juntos, o aprender juntos, cuidado com o outro, a troca de saberes, o ritmo onde cada ser tem o seu, vindo a ter tolerância às diferenças e ao tempo próprio de cada indivíduo. (LUA, trecho do questionário realizado, por e-mail, em maio 2013)

Neste primeiro momento, já é possível perceber que os mestres são unânimes em apresentar que uma das possíveis contribuições da capoeira angola e seus princípios, como bem cultural, é o tensionamento na escola de uma perspectiva competitiva, anti-dialógica e arraigada em valores que privilegiam o individualismo, por meio da aprendizagem em roda que respeita os diferentes ritmos e formas de ser.

3.1 Articulação entre capoeira angola e escola

Mestre Longevidade sugere uma nova forma de ver o mundo, no fazer capoeirista. Na prática da capoeira angola podemos inverter a maneira de ver o mundo: de cabeça para baixo, buscando outro ângulo. Mestre Longevidade critica o fato de que professores estão deixando de aproveitar o potencial dos educandos para além do esporte, com atividades sem sentido.

Não se nega a questão da capoeira como prática física, do esporte na capoeira, dos ganhos para saúde física e isto está presente na fala de mestre Longevidade, mas salienta que não é somente isso que se precisa considerar. Sugere um olhar sobre a questão cultural, histórica e simbólica que a capoeira pode trazer e que a escola poderia aproveitar como potencial da capoeira para enriquecer suas práticas. Para mestre Longevidade é de suma importância capoeira dentro da escola.

Mestre Tambor, em sua fala, recupera uma categoria interessante que Freire aborda em seu legado: o “por quê?” o “para quê?” e o “como?” ou seja, a não neutralidade da educação. Encontro elementos para salientar, também, que a capoeira pode estar na escola como espetáculo, violência e tomar um rumo que não é o seu sentido educativo. Sendo assim, evidenciamos a não neutralidade da capoeira.

Segundo Mestre Tambor, quem deseja se inserir neste universo da capoeira precisa conhecer bem os mestres, as pessoas que ensinam, pois não há neutralidade nesta prática. Em seu depoimento, salienta: “Eu vejo a necessidade para saber bem o que se quer com a capoeira, o que se quer com a educação”, ou seja, aponta para sua não neutralidade. E ainda complementa que é importante destacar “O que se quer passar pro jovem” e que alguns mestres buscam e potencializam a violência. Ele questiona a própria generalização que faço na pergunta que é a relação capoeira angola e a escola, dizendo-me que depende do mestre, depende do que e como, depende do por que e para quê – sem ignorar o fato de que a capoeira não deixa de ser uma luta.

Mestra Lua considera que para existir articulação entre capoeira angola e escola é necessário que

Haja uma mudança estrutural na escola, para que ocorra uma transformação no método de ensino, visando educar o indivíduo no seu intelecto e no seu corporal, sem dicotomia. Mas de forma integral, formando seres seguros, afetivos, cidadãos conscientes e autônomos. (LUA, trecho do questionário realizado, por e-mail, em maio 2013)

Mestra Lua refere-se à dicotomia corpo-mente, proveniente da lógica de produção capitalista, que está presente na escola. Por isso, não basta considerar a capoeira em sua teorização ou a capoeira apenas no corpo, mas a integralidade disto. Sendo assim, a capoeira poderia contribuir para uma visão de formação integral do sujeito, interessante na escola para superação de uma lógica dicotômica.

3.2 Capoeira e currículo escolar: possibilidades e limites da capoeira na escola e descaracterização ou não da prática no ambiente escolar

Mestre Longevidade inicia sua fala expondo que a escola deveria aceitar a capoeira como parte do currículo, por ser um patrimônio imaterial. Que a arte deveria entrar na escola como um jogo, em todos os seus fundamentos. Ao mesmo tempo em que menciona positivamente projetos como Mais Educação e Amigos da Escola.

Mestre Tambor também destaca que para a capoeira adentrar na escola é preciso que compreendam seus fundamentos, acompanhada de uma “matéria”, não somente trabalhar o corpo, os movimentos, mas sim entender a capoeira como forma de educação, transformação e busca de valores. Almejando esta construção junto à comunidade e ao espaço escolar. Salientando que a prática da capoeira não deve ser obrigatória.

Mestra Lua evidencia que uma maneira da prática entrar na escola seria através da lei 10.639/03, percebida em sua pedagogia própria. Ela faz uma consideração que nos outros entrevistados não é tão clara: ela espera que a lei contribua para que se percebam os fundamentos da cultura e da cosmovisão

africana presentes na capoeira angola. Que esses valores e conhecimentos venham para a escola para modificar a prática educativa.

No tocante às possibilidades e limites, o mestre Longevidade menciona que a capoeira já tem espaço em algumas escolas, porém destaca que ainda existe algum preconceito por causa da cultura racista e que o sistema educacional deveria ter mais cuidado e apreço pela capoeira. Que isso seria demonstrado se a capoeira entrasse para a grade curricular das escolas.

Novamente um dos mestres destaca que não deve ser somente uma prática esportiva, que deve estar associada ao jogo. Mestre Tambor relata que não podemos fazer da capoeira um espetáculo, que isso a restringiria consideravelmente. Torna a capoeira aquém da sua possibilidade histórica e política. Ele fala que essa capoeira de espetáculo não é aquilo que seria o cumprimento da lei 10.639/03. A apresentação é uma consequência, não pode ser o objetivo principal.

Mestra Lua acredita ser difícil uma reestruturação do ensino formal que atenda a pedagogia africana, que é a pedagogia da capoeira angola. O limite está em compreender a escola para além da grade curricular. As possibilidades seriam o intercâmbio entre escola e capoeira pensando de maneira interdisciplinar.

Fica a questão: Se a capoeira angola fosse inserida na escola, ela seria descaracterizada? Mestre Longevidade diz que se a capoeira fosse tida somente como esporte, competição e espetáculo poderia ser descaracterizada, se for assim é melhor que a capoeira não vá para o ambiente escolar. Também tratando de outros temas, igualmente sugere o aprender a aprender.

Mestre Tambor destaca que a capoeira não deveria estar na escola “para acalmar criança rebelde”. A capoeira precisa, conforme os mestres, ser vista pela escola em sua cosmovisão, fundamentos e para a análise das estruturas rígidas.

Mestra Lua aponta questões que os outros mestres também abordaram, dizendo que

Se não for trabalhada como esporte competitivo, se não estimular a violência; se o educador tiver tido um mestre e for comprometido em repassar seus saberes. Se mantiver os fundamentos, a musicalidade, o jogo, a ética, a teatralidade, criatividade, enfim... Se a escola estiver aberta e atenta para que a sua pedagogia seja mantida não será

descaracterizada. (LUA, trecho do questionário realizado, por e-mail, em maio 2013)

3.3 Educação, capoeira e inacabamento

Mestre Longevidade diz que capoeira angola é muito importante para a vida, para viver mais. Salaria que *“o ser humano que entender o que é o jogo da capoeira vai viver mais, vai ter uma consciência maior, vai mentir menos, vai ter mais acesso a verdade que ele como ser humano”*. Refletindo sobre a fala do mestre e como a capoeira angola contribui para a nossa formação integral, a partir da minha vivência é possível dizer que a capoeira, a partir de seus fundamentos e valores, representa um modo de ser. Para o mestre Longevidade, a capoeira também é qualidade de vida, saúde física e mental.

Mestre Tambor destaca

Capoeira... acho que ela não é uma contribuição para a vida, na verdade ela é vida. O tempo todo ela ensina isso. As relações, ela é muito complexa porque trabalha essa questão psicológica, a questão da saúde. O respeito aos outros, a questão esportiva, ela trabalha com todos os elementos necessários para uma pessoa estar sobrevivendo. Ela também ensina essas questões, muito mais de saber se conhecer, saber seus limites, a buscar sua auto superação. (TAMBOR, trecho da entrevista realizada em maio 2013)

A fala do mestre Tambor assemelha-se à fala do Mestre Longevidade que também remete a ideia de que a prática da capoeira angola promove saúde física e mental e busca de autoconhecimento. Ainda sobre a mesma questão o mestre Tambor, ainda trouxe mais informações dizendo que levamos para o universo da capoeira aquilo que aprendemos na educação que recebemos, em seu caso específico, a religião de matriz africana.

O mestre Tambor menciona também a importância e a transformação que a capoeira promove. Ver profundamente a capoeira é perceber que

Tudo tem uma necessidade, tudo não está aí por nada. Não era simplesmente ir no mato e cortar um pau pra fazer berimbau, como somente instrumento musical e deixar a mata sem árvore que é necessária para ela também. É muito mais do que isso, saber o compromisso que a gente tem com todas essas coisas, que nos interagem, e nos envolvem. (TAMBOR, trecho da entrevista realizada em maio 2013)

É possível perceber na sua fala que existe uma preocupação bem maior, a relação que todas as coisas têm entre si. E que na capoeira esse pensamento está permeado pela vivência e conhecimento da cultura de matriz africana.

Mestra Lua destaca que: *“quando a capoeira é ensinada de forma correta, com seus princípios e valores, prepara para a vida”*. O que já foi dito também pelos outros mestres, dependendo de quem vai ensinar, por que e para quê.

A capoeira, conforme os mestres, nos ensina como lidarmos com situações do cotidiano tanto na esfera individual como coletiva e ainda: *“ensina maneira de entrar e sair dos lugares, o momento certo de recuar e avançar nos proporcionando o contato com uma filosofia de vida riquíssima. Preparando o indivíduo para resolver situações difíceis diante da vida”*. (LUA, trecho do questionário realizado, por e-mail, em maio 2013)

4 ESCOLA, CURRÍCULO E MANDINGA

Torna-se necessário refletir até que ponto as culturas oriundas dos grupos subordinados na sociedade, cujas contribuições não são consideradas como tradição e passado significativo e, por isso, são invisibilizadas e minimizadas nos currículos, poderão vir a ser objeto de investigação e constituir-se na prática educativa dos professores. (SILVA, 2001 Apud LEAL, OLIVEIRA, 2009, p. 63)

Na escola, ainda é comum vermos práticas que homogeneizam os sujeitos e os veem a partir de um modelo idealizado de aluno. A escola tem se desresponsabilizado, muitas vezes, quanto ao chamado fracasso, julgando que a culpa é do aluno. Consideramos que os espaços escolares ainda estão muito fechados para maneiras alternativas de desenvolver o potencial e contribuir para a formação integral do sujeito a fim de partir do seu inacabamento. Não somente depositar conteúdos que de maneira geral podem não ser significativos para os sujeitos. Tratamos aqui do ato de educar como possibilidade de potencializar aquilo em que o educando pode se destacar e demonstrar habilidade.

Ao mencionar a capoeira na escola, não me refiro à perspectiva folclórica, na qual há o dia da capoeira, da roda, da consciência negra, mas sim proponho perceber quão ampla pode ser a capoeira dentro da escola. Visto que, como algumas práticas não têm lugar no currículo escolar, são “folclorizadas”.

Há, porém ausência de circulação de materiais e literatura, que contem a história dos negros e negras de forma positiva. Alguns materiais têm surgido, trazendo a outra versão da História, mas em um movimento tímido ainda, pouco difundido. Cabe a nós educadores, buscarmos o acesso a materiais alternativos¹², pesquisando e compartilhando tais conhecimentos. No que se refere à capoeira angola, tenho pensado também, nas formas como alguns dos saberes que fazem parte do legado desta arte, poderiam contribuir para as mudanças necessárias no ambiente escolar, dentre eles: a mandinga, a malandragem e a malícia.

¹² Materiais alternativos: Kit de Materiais Didáticos do site “Cor da Cultura”. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/pagina/Kit%20a%20Cor%20da%20Cultura/> .

No contexto da capoeira, o termo mandinga designa tanto a malícia do capoeirista durante o jogo, fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando-o para o ataque certeiro, quanto também uma certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador da capoeira com o Axé, uma espécie de energia vital e cósmica nas religiões afro-brasileiras. (VIEIRA, 1998, p. 111-112)

A mandinga é um componente muito importante para o capoeirista, pois é este um dos elementos fundamentais para o jogo da roda de capoeira e para a roda da vida, compreendendo mais amplamente. A mandinga se opõe ao jogo violento, ela aparece como “[...] estruturante central, o componente que atribui a verdadeira identidade ao jogo da capoeira.” (VIEIRA, 1998 p. 111)

A mandinga é o tempero do jogo, a criatividade, a brincadeira o aprender “*sorrir para o inimigo e apertar a sua mão*”. É uma maneira criativa que o capoeirista tem de lidar com as adversidades.

Conforme Renato Vieira (1998)

No início do século era comum o envolvimento dos capoeiristas com rituais religiosos afro-brasileiros. O substantivo “mandinga” deriva possivelmente da palavra que designa a região Mandinga na África Ocidental, banhada pelos rios Níger, Senegal e Gâmbia, uma vez que entre os africanos trazidos para o Brasil havia a concepção de que naquela região existiam excelentes feiticeiros (REGO, 1968 apud VIEIRA, 1998, p.112)

Ser mandingueiro, no ambiente escolar possibilitaria que o aluno fizesse escolhas em seu benefício e do bem coletivo. Poderia, com isto, descobrir formas de aprender, de como tratar os demais, percebendo que o confronto direto não é a saída para situações de conflito. A mandinga é aqui compreendida como forma de manifestação da inteligência das pessoas, da criatividade.

Ser malandro é ser esperto e sagaz. Aqui, o sentido não é o da trapaça, mas da criação autônoma, entendendo de modo que isso contribuiria para o desenvolvimento do estudante integralmente. Parto do princípio de que se ele não estiver atento, presente não irá apreender o que se desenvolve no ambiente escolar, e fora dele. A esperteza não é vista, neste contexto, como algo pejorativo, mas para o próprio crescimento do sujeito tendo um entendimento crítico do que o cerca.

O aluno criaria sua própria estratégia, na hora de aprender a matemática, por exemplo, sem uma forma única de fazer aquilo que é proposto. Sendo mandingueiro, ele próprio traça uma estratégia para poder realizar as tarefas.

Outro elemento da capoeira angola, que poderia ser importante como aprendizado aos estudantes é a disciplina. Porém, neste contexto, não é concebida como algo limitante e promotor de passividade, para cercear, mas, para proporcionar envolvimento e comprometimento com o aprendizado.

Na escola como os tipos ideais ainda são os passivos e obedientes, talvez esta discussão não fosse bem acolhida. Porém, tenho compreendido que a passividade não contribui para que o educando possa ter atitudes e espontaneidade diante dos seus potenciais, expondo-se. A escola numa perspectiva autoritária inibe a originalidade dos sujeitos, tornando-os, como sugere Paulo Freire, meros receptáculos.

A cultura escolar, ao longo da história desta instituição, tem sido marcada pela dicotomia entre corpo e mente. Na compreensão presente nas rodas de capoeira angola, por exemplo, no que diz respeito ao que se considera matriz africana, corpo e mente são inseparáveis. Defendo, neste trabalho, que a capoeira angola, sendo compreendida como bem cultural e não como folclore, pode contribuir para problematizar o aprisionamento dos corpos que ainda é prática escolar.

Um ponto importante é sobre a avaliação fragmentada existente na escola. Todos os alunos são avaliados diante de um determinado conhecimento, de uma mesma forma. Há mais uma tendência à homogeneização e, por muito, a avaliação escolar, ainda é fragmentada e pontual. Segundo alguns mestres, o aprendizado da capoeira tem princípio, mas não tem fim. Esta ideia se aproxima da concepção antropológica de Paulo Freire que “é marcada pela ideia que o ser humano é um ser inacabado [...] um ser no mundo e com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo” (TROMBETA e TROMBETA In.: STRECK, REDIN, ZITKOSKI p. 221, 2010). A aprendizagem não cessa em nenhum momento da vida. Perceber a relação da capoeira com o inacabamento sugere que o sujeito continue ativo diante da realidade e busque

alternativas para a sua sobrevivência, não só econômica, mas política e social. Vivências que proporcionem alimento ao espírito também.

Como propõe Luis Vitor Castro Júnior

A capoeira acaba por ser uma escola da vida, onde se aprende a jogar capoeira. E, ao aprender a jogar capoeira, aprende-se também a jogar na roda do mundo, a tomar posição, analisar circunstâncias de classes sociais com interesses antagônicos, interferir no sentido de querer transformar a realidade. (CASTRO, 2004, p.146)

O sujeito que aprender a “jogar na roda do mundo” estará mais preparado para deixar o seu legado, será exemplo. Na pedagogia da capoeira se aprende observando, com os mais velhos. O conhecimento é assim é transmitido de geração em geração.

4.1 Ancestralidade: presente e passado vivenciados

Certa vez, eu estava participando de um evento de capoeira, logo que meu grupo de origem N'Zambi havia findado em Porto Alegre. A oficina era de um mestre vindo de Salvador/ BA. Fui escolhida por ele para tocar berimbau na sua oficina, depois me aproximei e agradei a oportunidade de ter sido chamada para compor a bateria da sua oficina. O mestre respondeu: “- *Não fui eu que lhe escolhi, foram os ancestrais*”.

Ao refletir sobre a fala do mestre e tendo algum tempo como praticante e educadora é possível perceber que na capoeira angola os rituais estão diretamente ligados aos nossos ancestrais. “A ancestralidade, de maneira geral, é considerada relativa aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes”. (CASTRO, 2004 p. 149)

Outro traço da ancestralidade é como se desenvolvem as práticas educativas da capoeira angola através da relação com o mestre ou professor pautado nos princípios da cultura africana como afirma Fred Abreu:

A relação do mestre com o aluno na capoeira é uma relação extremamente importante porque ela é pessoal, e os ensinamentos são transmitidos como se fossem um segredo, com certo grau de intimidade, [...] o mestre preocupa-se em estar próximo dos alunos. Os movimentos são feitos bem de perto, ele ensina pegando em sua

mão, vai “ajeitando” o seu corpo. Todo esse processo é próprio da pedagogia africana; é uma forma rica de suscetibilidade na passagem dos movimentos, através dos toques. Considero como um processo iniciático. É um processo de revelação, que aos poucos vai sendo revelado na relação mestre-aprendiz. Acontece de maneira ordenada, com um certo rigor, que passa por vários fatores: pela repetição dos movimentos que é uma característica da pedagogia africana; pelo grau de intimidade com o aluno, saber como era a vida do aluno [...]. Esse tipo de ensinamento tem uma relação pessoal com a vida do aluno. Nesse sentido, é um processo que não pode ser feito de qualquer jeito, porque a capoeira era ensinada como um segredo (ABREU, 1998 Apud Castro 2004, p. 150)

A capoeira é cheia de mistérios, que nós praticantes da capoeira estamos na constante busca de desvelar este segredo. O tempo varia conforme o ritmo, envolvimento, interesse e comprometimento de cada um com a arte. E o mestre por sua vez, vai iniciando o aluno nos segredos da capoeira.

Como cita Abib (2004):

O segredo não existe para, depois da revelação, se reduzir a um conteúdo linguístico de informação. O segredo é uma dinâmica de comunicação, de redistribuição de *axé*, de existência em vigor das regras do jogo cósmico. (ABIB, 2004, p. 132)

Uma mescla de valores como pertencimento, valorização da herança histórica, tradição, oralidade, fundamentos e afirmação cultural são vivenciados no processo educativo da capoeira angola, preparando as futuras gerações para manterem viva a tradição e arte da cultura da capoeira.

4.2 Roda de capoeira: lugar de tradição e aprendizagem

A roda de capoeira é local sagrado, cercado de tradição, regras e fundamentos. É onde recebemos a energia dos nossos ancestrais onde capoeirista percebe o seu jogo, a sua mandinga, sua inteireza. A roda é o reflexo da vida. No jogo do capoeirista é possível perceber como ele encara seus desafios. O errar e aprender com esse erro, ter humildade, respeito, sabedoria, destreza, sagacidade, coragem e principalmente amorosidade.

A roda de capoeira tenciona as práticas tradicionais da escola. Através da circularidade, da livre expressão, da autonomia, decisão de como estabelecer um diálogo lúdico, respeitoso e guerreiro.

A bateria da capoeira angola é composta por três berimbaus: gunga, médio e viola, dois pandeiros, agogô, reco-reco e atabaque.

A roda inicia-se com uma ladainha, um solo cantado pelo capoeirista mais velho, ou pelo jogador que está no “pé do berimbau”, tendo pedido autorização àquele que toca o berimbau gunga.

O berimbau gunga é o mais grave faz o toque de angola, é quem dá o ritmo, o médio faz o são bento pequeno e a viola de som mais agudo toca são bento grande, podendo fazer variações e voltando ao são bento grande. A ordem dos toques pode variar conforme a tradição e fundamentos de cada grupo.

No terreno sagrado da roda, o berimbau começa a tocar os jogadores agachados pedem proteção. Depois da bateria o que se escuta é “lê”, uma palavra utilizada para iniciar, encerrar ou dar uma pausa. Começa a ladainha, é o solo do capoeirista ele conta uma história, louva a capoeira e aos mestres, pede licença e vai pra roda vadiar. Inicia-se o corrido que é o cântico da capoeira. Uma música com poucos versos que se agrega ao canto de todos os participantes.

A angola tem um ritmo mais lento, podendo também variar conforme o ritmo da roda e o toque que o berimbau estiver tocando. O ritual é muito marcado.

Para a roda acontecer a contento, não pode faltar o axé, a alegria, a força vital dos capoeiristas que compõem a roda. A resposta do coro deve ser animada, empolgante e o cantador deve passar sentimento, expressão daquilo que é cantado por ele. O jogo deve ser harmônico, conversado através de movimentos, gestos, expressões, e muito “mandingado”.

Na roda da capoeira se aprende olhando também, é preciso estar atento a tudo que se passa. A postura dos mais velhos, aos fundamentos, as regras existentes na roda são indicações de como o ritual acontece.

É o momento de louvar aos ancestrais, que se mantém viva a tradição da capoeira no aprender e ensinar através da brincadeira, do diálogo, da interação entre passado e presente.

4.3 Nem tudo são flores

Apesar dos benefícios da capoeira, é necessário lembrar que mesmo sendo uma arte democrática, não é sempre assim que ocorre. Baseada na minha experiência, devo mencionar que em algumas rodas de capoeira as mulheres ainda ocupam um lugar secundário, embora existam mestras da arte não é em todo espaço que as mulheres são vistas de forma igualitária. Infelizmente, algumas posturas reproduzem o machismo presente na sociedade.

O que passa a ser uma contradição dos valores associados à capoeira. Como capoeirista devo dizer que quando entramos na roda para jogar, independe ser homem ou mulher. Tudo depende da hora e do momento.

Oliveira e Leal (2009) mencionam que embora sendo uma prática associada ao universo masculino, mulheres também tiveram participação na história da capoeira afirmando que embora haja pouco registro de memória, existe uma documentação de periódicos da época sobre mulheres portadoras de notável valentia e habilidades corporais.

Outro ponto importante a destacar é se a arte for ensinada por mestres autoritários, machistas e violentos que abusam do poder para oprimir seus alunos, os alunos irão reproduzir essas ações ou talvez abandonar a prática. Como foi dito, inclusive, pelos mestres entrevistados neste trabalho.

O que não pode deixar de ser mencionado é a não efetivação da lei 10.639/03, e a completude dela, pois foi destinada somente à educação básica, não para o ensino superior em sua totalidade. Que formação nossos futuros professores terão sobre o conhecimento da História da África e da cultura do povo negro? A não ser por iniciativa da própria instituição.

No curso de Pedagogia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) temos uma disciplina de História da Educação no Brasil da quinta etapa que traz na súmula

O processo histórico de escolarização no Brasil, com destaque para as práticas educativas e visões pedagógicas presentes na institucionalização da escola. A educação e a educação escolar associadas às relações de classe, gênero e etnia, enquanto constituintes e constituidoras da produção e reprodução das desigualdades sociais, focalizando aspectos históricos da África e dos

Em minha opinião, acho pouco investimento no currículo relacionado à temática. Acredito que deveria haver disciplinas voltadas para o estudo da História da África assim como temos o estudo da História na Europa e nas Américas. Por que não incluir a História da África?

Torna-se para nós, educadores, uma procura diária de iniciativa própria em busca de materiais, informações, estudos paralelos e pesquisas a fim de conhecer os saberes desta cultura. E, ainda, problematizar a pouca quantidade e acessibilidade aos materiais relacionados à temática afrodescendente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da minha vivência na capoeira angola e os estudos realizados durante o curso de Pedagogia e o que os mestres falaram, considero significativo que a capoeira angola esteja no ambiente escolar. Porém, é imprescindível um diálogo entre os mestres e os professores, dialogando sobre seus fundamentos, valores e rituais, sendo respeitada e valorizada como tal.

Não é mais possível restringi-la ao livro didático e ao conhecimento básico que a escola tem da capoeira, precisamos avançar. Com capacidade de olhar para os mestres reconhecendo o conhecimento que trazem.

O tensionamento existente é entender a lei 10.639/03 e que a capoeira seja um dos fundamentos para compreensão da lei. É essa tensão que pode existir entre o que a escola quer da capoeira: deseja-la como elemento disciplinador, de contenção. Isto é criticado pelos mestres durante as entrevistas. Também avançaríamos se a malandragem e a mandinga, fundamentos da capoeira angola, fossem vistas como valores a serem preservados, pois no contexto da capoeira estes valores são tomados como manifestação da inteligência e forma criativa de lidar com as adversidades.

O que a arte se propõe com relação à autonomia, malandragem, diversificação implicará uma nova compreensão da escola. Assim, a capoeira como patrimônio está ausente da escola e não só neste ambiente, mas fora das discussões, da mídia. Quando é mostrada reduz-se às datas comemorativas, como espetáculo. Se pensarmos nela como bem patrimonial cultural é de suma importância que tenhamos outro olhar, ou melhor, visibilidade, valor e reconhecimento da arte.

Os mestres consideram que ainda não temos um caminho traçado para entender o verdadeiro valor da capoeira. Que não adianta a capoeira ir para escola e não manter todos os seus fundamentos, ou ser ensinada com propósitos competitivos ou violentos.

Ainda não sabemos como ocorreria a entrada da capoeira na escola, nos currículos e se a escola estaria preparada para alterar seus métodos para receber os mestres da arte para ensinarem naquele espaço. O que supomos é que a prática da capoeira angola é um instrumento pedagógico muito rico para

a formação das pessoas. Porém, como a escola irá acolher a arte da capoeira é outra questão.

A capoeira angola, para além do esporte, pode contribuir para que haja modificações no ambiente escolar; valorizando conhecimentos antes negligenciados neste espaço. As possibilidades educativas da capoeira angola no ambiente escolar relacionam-se às suas contribuições para: aprendizagens coletivas, educação comunitária, aprendizagem em roda, musicalidade e criatividade superando a ideia de espetáculo.

Os três mestres destacam em suas falas características do círculo de cultura. A partilha de conhecimentos do individual para o coletivo, da educação comunitária envolvimento da comunidade, da afirmação cultural, e do respeito das diferenças vividas no grupo. É uma expressão que eles fazem da sua própria leitura de mundo, baseada na vivência. Os mestres dizem que a capoeira não é uma prática inocente, romantizada, se ela for ensinada por alguém que não tenha como propósito a capoeira com todos os seus fundamentos pode lesar e até matar.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro R. J. CAPOEIRA ANGOLA: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas: UNICAMP, 2004. 173 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisica_artigos/capoeira_angola_cultura_popular_jogos_saberes_roda_tese.pdf> Acesso em: 10 maio 2012.

BARBOSA, Viviane M. et al., 2013. Vivenciando e valorizando a cultura afrodescendente. In.: BERGAMASCHI, Maria A. ALMEIDA; Dóris B. Cultura indígena e afrodescendência (Caderno pedagógico de pedagogia PIBID/UFRGS). Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 35-37.

BAUER, Martin W.; GASKELL George. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRANDÃO, Carlos R. In.: STRECK, Danilo R. ; REDIN Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs). **Dicionário Paulo Freire** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. Dossiê Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil – Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf>> Acesso em: 15 abr. 2013.

CASTRO, Luis V. J. CAPOEIRA ANGOLA: OLHARES E TOQUES CRUZADOS ENTRE HISTORICIDADE E ANCESTRALIDADE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 2 p. 143-158, jan. 2004. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/232/234>> Acesso em: 04 abril 2013.

FREINET, Célestin. Pedagogia do bom senso. 3. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991. Tradução J. Batista.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUNANGA, Kabengele. Educação de Jovens e Adultos. In.: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz A. P. Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil / Salvador: EDUFBA, 2009. 200 p. : il. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/126/3/Capoeira%20identidade%20e%20genero.pdf>> Acesso em: 05 mar. 2013.

OLIVEIRA, Vera B. de. Rituais e brincadeiras. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TESSELER, Fani A. Currículo e identidades: algumas considerações. In.: BITTENCORT; Iosvaldyr C.J. SABALLA, Viviane A. Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em história e cultura afro-brasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

TROMBETA Sérgio e TROMBETA Luis C. In.: STRECK, Danilo R. , REDIN Euclides, ZITKOSKI, Jaime (orgs). **Dicionário Paulo Freire** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIEIRA, Luiz Renato. O JOGO DA CAPOEIRA. Rio de Janeiro – SPRINT 2ª edição – 1998.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A(o) Sr(a) foi escolhida(o) e está sendo convidada(o) para participar da pesquisa realizada para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia-UFRGS) de VIVIANE MALHEIRO, que tem por objetivo tratar da Capoeira Angola como bem cultural e sua contribuição para a Pedagogia Escolar. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método a entrevista narrativa individual.

A pesquisa terá duração de um semestre, com o término previsto para 30 de junho de 2013. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de acordo com critérios adotados pela pesquisadora e sua orientadora. Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos científicos e na banca de avaliação do TCC. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sua colaboração nesta pesquisa consistirá em conceder uma entrevista, agendada previamente, pelo meio que lhe for mais adequado (pessoalmente, por telefone, através do Skype). Esta entrevista será gravada em áudio digital para posterior transcrição, que será guardado por cinco (05) anos e deletado após esse período.

A(o) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado a ela será o de ampliar o conhecimento científico para a área de Educação, contribuindo para a problematização da prática pedagógica escolar tendo como tensionador, os conhecimentos oriundos da Capoeira Angola.

A(o) Sr(a) receberá uma cópia deste termo no qual consta o telefone e e-mail da pesquisadora e da orientadora do TCC, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Viviane Malheiro
Pesquisadora
UFRGS

Profa Dra Aline Lemos da Cunha
Orientadora
UFRGS

Telefone para contato: 84596934
e-mail: vivimalheiro@gmail.com

Porto Alegre, ____ de _____ de 2013.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Participante: _____
RG: _____ Telefone para contato: _____